

## ENTREVISTA

### LUTAS SOCIAIS NA BOLÍVIA\* Entrevista com Evo Morales\*\*

Ramon Casas Vilarino\*\*\*

*Em outubro de 2003, o povo boliviano conseguiu expulsar o presidente da República, e, na última semana, a empresa Águas Del Illimani,<sup>1</sup> recorrendo a manifestações de rua. O povo não confia nas instituições?*

*Evo Morales:* Não. Quer dizer, o povo confia nas instituições, porém não confia nos representantes das instituições. Lutamos pela democracia, porém, lamento muito que os representantes de qualquer instituição democrática, como do poder executivo, do legislativo, não respondam às aspirações do povo. Esse é o tema de fundo, porque uma coisa se diz nas campanhas eleitorais e outra coisa se faz. Prometem uma coisa ao povo e não cumprem as promessas, fazendo o que interessa ao grupo do poder. Essa é a diferença, e por isso começam as transformações profundas, pacíficas na democracia, e nós decidimos passar dos protestos às propostas. Porém, se nossas propostas não são atendidas nem entendidas, então vêm os protestos. E nessa conjuntura política é importante que as propostas venham acompanhadas de protestos, para que haja transformações na democracia, e, sobretudo, por meio do diálogo.

*O senhor, como deputado, crê que o povo possa ter conquistas substanciais por meio das instituições, como, por exemplo, o Congresso Nacional?*

*Evo Morales:* Queremos isso, porém, lamentavelmente isso não ocorre. Na Bolívia, penso que até na América Latina, o interlocutor válido da sociedade civil são os sindicatos, as organizações sociais e não o parlamento. Nos EUA, os representantes são os poderes executivo e o parlamento, enquanto que na Europa são as ONG's, como também o parla-

mento, segundo o que sei da minha pequena experiência, porém o que conheço são as ONG's. Mas, na América Latina e, especialmente na Bolívia, os interlocutores válidos do povo perante o Estado são as organizações sindicais e sociais do país.

*Por que, apesar da democracia, as instituições parecem tão distantes da vontade popular?*

*Evo Morales:* Uma coisa é a democracia ocidental e outra coisa é a democracia andina. Porque a democracia ocidental funciona através de prebendas, maiorias e minorias, interesses e imposições, e não razões. Na democracia andina há consensos e não maiorias e minorias, há os interesses do povo, baseados em relações de reciprocidade, solidariedade e, fundamentalmente, o livre uso de nossas riquezas. Essa é a grande diferença, e neste momento estamos em processo de como, através da Assembléia Constituinte, refundar a Bolívia e incorporar essas formas de democracia. Na democracia ocidental, pode-se viver da política, enquanto na democracia indígena original vive-se para o povo, vive-se para a democracia. Na democracia ocidental, a política é uma forma de projeção, um negócio, enquanto na democracia indígena é tudo serviço, vive-se para o povo e não da política. Essa é a democracia andina original indígena. A outra é o contrário.

*Por que o senhor, neste momento, declara guerra ao Presidente Carlos Mesa, quando há pouco o apoiava?*<sup>2</sup>

*Evo Morales:* Estou com armas para declarar guerra? O que pedimos publicamente e com muito respeito ao presidente, é que ele venha somar à luta do povo, que, com sofrimento e sentimento por esta terra, está pedindo transformações profundas neste modelo econômico, este sim contrário à democracia. O presidente está a serviço mais das transnacionais, esse é o tema central, e nós vamos apoiar coisas boas, e não coisas más para o povo, junto ao presidente. O aumento da gasolina é bom? É ruim. Defender imunidade ou chantagear para que a Câmara dos Deputados aprove a imunidade para os soldados norte-americanos (em território boliviano) é bom? É ruim. As transnacionais de petróleo explorando nosso território, isso é bom?<sup>3</sup> É ruim. O projeto para que as forças armadas empunhem armas contra o povo, é bom? É ruim. É isso que estamos rechaçando. E se amanhã nos dizem: “Vamos recuperar as minas?” Estamos nessa.

*O seu partido parece dividido em relação a isso. Há disputas internas e incômodo com a sua liderança?*

*Evo Morales:* Não há disputas, jamais vão me disputar a liderança. O que há é como aproveitar esta conjuntura para viver da política, como negociar cargos, e não são muitos, são alguns senadores que querem entrar nesse jogo. Esse jogo de buscar cargos, embaixadas, prefeituras, ministérios. Falo de Filemón Escobar.<sup>4</sup> Ele falou de ética. Qual ética? Veja como se apresenta a salvação das coisas. Filemón Escobar, em 1980, apoiou Victor Paz

Estenssoro, do MNR, isso está nos jornais. Esse governo massacrou os trabalhadores. Filemón Escobar é responsável também por dizer sim a ministros corruptos, quando a bancada parlamentar dizia não. É um oportunista que vive da política. Jornalistas e dirigentes da COB<sup>5</sup> me disseram que Escobar é agente da CIA. Nunca acreditei. Pensei que fosse para criar uma intriga. Porém, agora, tudo é contra Evo Morales, contra o MAS, dizem os agentes da CIA. Por exemplo, depois das eleições de 2002, quando recebemos um milhão de dólares do Estado legalmente, e menos de meio milhão de dólares foram gastos, sobraram mais de meio milhão de dólares e eu decidi, como presidente do MAS devolver, e Escobar me pediu para comprar algumas notas fiscais frias para não devolver esse dinheiro. Isso é corrupção. E eu não fui com ele.

*Eu posso publicar isso?*

*Evo Morales:* Sim, por isso que estou dizendo, por isso estamos gravando. Senão eu não gravaria. Não é uma disputa de liderança, mas são os interesses econômicos, a ambição de Escobar. Seguramente, é a sua única oportunidade para viver e ganhar dinheiro e isso está claro.

*O MAS (Movimento ao Socialismo),<sup>6</sup> em sua denominação, indica o socialismo como proposta. Como pretende construir o socialismo na Bolívia?*

*Evo Morales:* É um processo. Há que começar a recuperar a forma de vida andina original. No campo temos o *ayllu*.<sup>7</sup> É um Estado, tem a sua autoridade, sua própria estrutura, porém não há propriedade privada. A propriedade é coletiva. Há uma área para criação de gado, outra agrícola, e assim se vive. É uma forma melhor de viver em coletividade, em comunidade. O comunismo vem da comunidade. O socialismo é parte, digamos, dessa forma de viver em sociedade, em igualdade e, sobretudo com base na solidariedade. É um processo: como recuperar essas formas de vida, que nossos avós, nossos antepassados, nossas famílias, nossos povos viveram mais de quinhentos anos, e sobreviveram, ainda que nos tenham condenado ao extermínio, graças a essa solidariedade, à comunidade e à coletividade. Quando conseguimos ajuda externa, dívida externa? Nunca. Capitalização? Que capitalização? Ajuda externa, nos tirando os recursos naturais? Isso tem que terminar. Então, nós queremos começar esse processo de construção da nova sociedade, da nova Bolívia, sem discriminadores e sem discriminados, sem opressores nem oprimidos, sem exploradores nem explorados. Isso é um processo. Há que se educar o povo. O modelo tem que ser alheio à corrupção, às prebendas. Eu digo que na Bolívia, começando este novo milênio, este tem que ser de consciência e não de prebendas. Em 2002 e 2004, nas eleições nacionais e municipais, apostaram no equilíbrio de poderes, o poder da consciência e o poder do dinheiro. O poder da prebenda. Nós somos a primeira força política a realçar o poder da consciência.

*Nos marcos da democracia burguesa, o senhor entende que se possa ter um governo do povo?*

*Evo Morales:* Nesse processo, é importante a diversidade econômica e a heterogeneidade produtiva que existem em nosso país. Há que se relevar isso. Acabamos de dizer: “fora este empresário!” ou “fora esta burguesia!”, e eu conheci empresários solidários com os pobres, que compartilham seus ganhos, enquanto há a burguesia saqueadora, parasitária, faminta, então é muito diferente. Eu creio no processo de construção do socialismo comunitário, baseado na comunidade e na coletividade e, fundamentalmente, baseado na reciprocidade. É possível passar, digamos, etapas, para chegar aos princípios de equilíbrio econômico, equidade e justiça.

*Não havia condições objetivas para, em outubro de 2003, o movimento popular encaminhar-se a uma revolução?*

*Evo Morales:* Em outubro de 2003 o objetivo fundamental era recuperar a propriedade. Se o governo Sánchez de Lozada permitisse recuperar a propriedade do petróleo e do gás, assim como Carlos Mesa decidiu rescindir o contrato e estamos recuperando a água potável, duvido que ele tivesse caído. No entanto, Sánchez de Lozada provocou um massacre. O movimento popular quer entrar no poder pela “porta ampla”, pela via democrática, não por um golpe. É um processo, e vamos continuá-lo, pois aqui não aceitam que um índio, ainda que seja maioria, possa ser presidente do país. Estou convencido desses passos, passos firmes e seguros, esperando com paciência, porém nos organizando, porque cedo ou tarde os índios vão governar este país.

*O senhor não crê na possibilidade da revolução ou não concorda com a via revolucionária?*

*Evo Morales:* Estamos na revolução. Este é um processo de transformações. Isso pode ser através dos movimentos sociais, e também pelas eleições, e não creio que devemos levantar armas contra o Império, porque agora estamos na época de levantar armas e fazer guerrilhas contra o império das transnacionais. Ademais, o movimento indígena respeita muito a vida, e não vamos atirar, mas estamos vendo que o Império levanta armas para matar a humanidade. Se a revolução não levantar as armas contra o Império, ela ganha consciência e, com consciência, derrota o Império. Veja Hugo Chávez, por exemplo. Quando Chávez fez guerrilhas contra o Império, contra a oligarquia racista e fascista da Venezuela, Chávez derrotou o golpe de Estado fascista, um golpe econômico fascista, a direita dos bancos privados, ele derrotou um golpe constitucional que queriam fazer através do referendun, que de revogatório acabou ratificando o mandato, e isso graças à consciência do povo, e se a revolução foi feita o foi com consciência. E então a direita do Império levanta as armas, e o faz com que pretexto? É uma guerra preventiva. O que é uma guerra preventi-

va? São interesses em relação aos recursos naturais. O Iraque tem armas de destruição em massa? Se o tivesse não teria havido intervenção tão sangrenta, desumana e selvagem de Bush no Iraque. Na Bolívia, nas décadas de 50 e 60, os dirigentes sindicais eram acusados de vermelhos, de comunistas, perseguidos, havia massacres a mineiros, assassinatos de dirigentes; nos anos 80 e 90 fomos acusados de narcotráfico e dos massacres nas zonas cocaleiras, e a folha de coca não é cocaína. O produtor de folha de coca não é traficante. O consumidor da folha de coca não é narcodependente. A folha de coca é um produto que faz bem à saúde humana. Porém, depois do 11 de setembro de 2001, nós somos narcotraficantes, os dirigentes sindicais são terroristas para os EUA. Ante essa provocação, não vamos fazer uma revolução armada. A revolução, agora, se faz com consciência e democracia, e, fundamentalmente, com propostas que permitam equilíbrios econômicos para a sociedade, para as maiorias do país.

*Mas a democracia tem limites que restringem as conquistas ...*

*Evo Morales:* Depende. Depende do líder, depende do presidente. Podem limitar o presidente, como estão limitando aqui na Bolívia, por exemplo. Não sei em outros países, porém, na Bolívia, lamentavelmente... A melhor forma é permitir que o povo decida o destino do país pelo referendun. Essa é a nossa conquista na Bolívia. Antes da democracia, até 1952,<sup>8</sup> nós índios não tínhamos direito ao voto, diziam-nos que éramos analfabetos, não pagávamos impostos, portanto não tínhamos direito de votar. Quem se elegia? Elegiam-se oligarcas. O voto universal custou o sangue aos bolivianos nos acontecimentos de 1952. Em 2003 conquistamos o referendun, onde também decidimos o futuro do país com o nosso voto, e, agora, nós, quéchuas e aimarás podemos ser parlamentares, e isso nos custou sangue, luta, e agora estamos a um passo do palácio,<sup>9</sup> e, antes, não podíamos entrar aqui, não podíamos dormir nesta praça, éramos considerados animais, essa transformação é uma revolução, porém, pacífica, sem matar ninguém. Ao contrário, nos mataram.

*A Bolívia é um país com pelo menos dois terços de sua população vivendo na pobreza.<sup>10</sup> Quais são os obstáculos e as medidas necessárias para superar esse estado?*

*Evo Morales:* O sistema, o modelo, o colonialismo interno, a corrupção, e também os organismos internacionais que impõem políticas econômicas.

*E como superar isso?*

*Evo Morales:* Estudar, criar consciência, mais consciência, muito mais consciência dos povos, entender nossa realidade socioeconômica e, principalmente, nossa identidade, e, na Bolívia, tem que haver uma revolução cultural.

*O MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), um dos principais partidos políticos, esteve à frente de um processo revolucionário, em 1952, porém, é o partido do ex-presidente Lozada e defende posições neoliberais. Como evitar que o mesmo ocorra com o MAS?*

*Evo Morales:* O MAS não é um partido, ele se assenta nos movimentos sociais. Se o MAS tivesse uma estrutura própria como partido, talvez isso que você apontou pudesse ocorrer. Porém, o MAS tem como estrutura os movimentos sociais, especialmente do campo.

*O senhor está preparado para enfrentar as pressões de transnacionais, organismos e governos estrangeiros caso se torne presidente?*

*Evo Morales:* Sim, estou preparado. Só não estou preparado para roubar, para enganar e mentir ao povo. Estamos dispostos, os irmãos índios, com dignidade, autoridade, personalidade, a conversar com a comunidade internacional. Não devemos nada a ninguém, e sim nos devem. Eles devem ressarcir os danos feitos às maiorias nacionais, não só com políticas impostas, mas também com saques aos nossos recursos naturais.

*Tendo em vista que outros países possuem situação semelhante à da Bolívia, uma união entre países da América Latina e, talvez, de outros continentes, facilitaria ou não o enfrentamento da pobreza?*

*Evo Morales:* Há que ter uma unidade latino-americana para começar. Uma unidade nacional de todos os pobres e povos. Destacar essa grande família, o que chamamos *tama*, uma família grande, a comunidade, a grande família latino-americana com base nos seus recursos naturais, e, assim, estou convencido de que viveríamos melhor, ao invés da mendicância que nos oferecem os EUA e a comunidade internacional. Assim, temos como recuperar o território, e, por isso, nós, indígenas, na Bolívia, dizemos “primeiro recuperar o poder, e do poder o território”, que são todos os recursos naturais, do solo, do subsolo e da superfície.

*Como se daria essa união?*

*Evo Morales:* A partir dos movimentos sociais, com líderes políticos como Hugo Chávez, Fidel Castro e outros, que permitam e facilitem a unidade dos povos organizados.

*A Alca, nesse contexto, seria um retrocesso?*

*Evo Morales:* A Alca é um ponto de vista ideológico, político, econômico que, para nós, é um Acordo de Livre Colonização das Américas. Ou melhor, Acordo da Legalização da Colonização das Américas. Isto do ponto de vista político, ideológico. Ou então Alga, Acordo de Livre Ganho nas Américas pelas transnacionais, é o aprofundamento do modelo econômico. Então, é um instrumento do Império para submeter os povos, para ter suas terras, seus mercados, e, em outras palavras, condenar os pobres à inanição na América Latina.

*Porém, os governos latino-americanos, com exceção de Cuba e Venezuela, têm defendido maior abertura econômica e cooperação com os EUA. É necessário que o povo saia às ruas para impedir esse processo?*

*Evo Morales:* Essas manifestações de rua são importantes para a unidade. É importante dizer a verdade sobre a Alca. Esse plano fracassou na América do Norte. No México, se comem tortas dos EUA, que são de Chiapas, e a livre importação no país é alta, eliminando os pequenos e médios produtores. Na Bolívia, por exemplo, isso destrói os agroindustriais de Santa Cruz de La Sierra. Somos ambos vítimas da livre importação. Estamos falando da Área de Livre Comércio das Américas. Então, não temos só que sair às ruas para protestar, mas também provocar uma maior consciência nos pequenos produtores, nos movimentos sociais, camponeses, artesãos; e também nos setores agroindustriais, que vão ser vítimas, porque não vão receber tantos subsídios de seus governos como se recebe nos EUA.

*Como o senhor vê a política estadunidense contra o terrorismo e o Plano Colômbia?*

*Evo Morales:* Trata-se de uma política intervencionista. É uma política de dominação, de colonização. Por exemplo, a luta contra o narcotráfico é um instrumento para que os EUA fortaleçam o poder e o controle sobre outros países. Não há nenhuma luta contra o narcotráfico. Criam mais instrumentos como o Plano Colômbia, a Alca, a dívida externa, e agora, por exemplo, estão falando das “Olimpíadas Antiterroristas”. Trata-se de treinamento das forças armadas latino-americanas sob a condução dos norte-americanos para enfrentar os movimentos sociais. Antes era o Plano Condor, depois o Plano Colômbia, agora se chamam “Olimpíadas Antiterroristas”. Já imaginou? São instrumentos que o Império criou para nos dominar.

*Na próxima semana, realiza-se o Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. O senhor pretende participar?*

*Evo Morales:* Eu fui convidado, mas, por razões de política, conjuntura interna e responsabilidade com o momento da Bolívia, não vou viajar. Espero que me desculpem. Mando uma saudação especial, e espero que desse evento possam sair conclusões importantes para direcionar os debates nacionais e internacionais.

*Como o Fórum Social Mundial pode contribuir para diminuir a exploração sobre os povos?*

*Evo Morales:* De um fórum saem propostas, iniciativas e formas de interação e coordenação para ações conjuntas, em níveis nacional e internacional, e, se falamos de América, há que se falar de América Latina, onde políticas sólidas poderão acompanhar essas propostas.

*O senhor já afirmou que será o próximo presidente. Como evitar que um projeto pessoal se sobreponha a um projeto social?*

*Evo Morales:* Isso depende dos movimentos sociais, não depende de mim. O que eu disse é que a Bolívia deve ser governada por um índio. Seja eu ou quem for, isso depende dos movimentos sociais. Se os movimentos sociais me levarem novamente a ser candidato, ficarei encantado. Temos que, primeiro, escutar o povo. Chego à conclusão que em nossas organizações existem conhecimentos em defesa da humanidade. As organizações sociais são o reservatório de conhecimentos científicos em defesa da vida. Não é preciso importar políticas do Banco Mundial, do FMI nem de ninguém, só das organizações. Se estou convencido de que há que se estar com o povo e atender ao povo, por que me afastar dele? E se você tem sua origem no povo, por que tem que se afastar como presidente se for presidente? Jamais.

*O senhor já foi comparado a Luís Inácio Lula da Silva. Como analisa o seu governo?*

*Evo Morales:* Somos como irmãos. Irmão mais velho e irmão mais novo, por que ele veio das lutas sindicais, do meio operário e num partido, o PT, chegou a presidente. Eu venho das lutas sindicais também, do movimento indígena camponês, fizemos um instrumento político para o povo, o Movimento ao Socialismo (MAS), e quase ganhamos na primeira participação. Eu gostaria de conhecer o Lula, não tive ainda oportunidade, porém, ouvi que seus pais eram analfabetos. Meus pais também eram analfabetos, e eu nunca conheci empregada doméstica, e, segundo a imprensa, o Lula também não, até ser presidente. Então essas são coincidências tão naturais de dois representantes: um que sai do movimento operário, outro que sai do movimento indígena, que fazem de mim um irmão menor de Lula. Agora, não sei como está sendo seu governo no Brasil. Tenho ouvido suas mobilizações internacionais pela unidade com árabes, creio que também com a África, aqui na América Latina, e me parece interessante, e, tomara, o presidente que vem dos operários resolva os problemas das maiorias. Não conheço o Programa Fome Zero, que parece excelente, porém não sei como pôr tal política em prática.

*O Presidente Lula desenvolve, no Brasil, um governo neoliberal, com cooperação com organismos como FMI, governos como dos EUA, apoio a transnacionais, reformas neoliberais que prejudicam o povo, os trabalhadores dos setores público e privado...*

*Evo Morales:* Veja, o que posso dizer é que deve ser muito difícil governar o Brasil, com tamanha indústria. É o sexto maior país em indústria, não dá para comparar o Brasil com a Bolívia, então eu o respeito, porém, o que interessa é que em qualquer modelo, em qualquer sistema, se resolva a injustiça no Brasil. Creio que essa é a tarefa fundamental para começar essas transições profundas, e quando o povo, que é maioria despossuída, marginalizada, discriminada, é atendido regularmente, esse povo defende e começa a transformar

a política. Isso, eu creio, são as forças sociais. O povo unido, organizado, mobilizado é a força motriz que faz a história. O povo até muda presidentes, os expulsa; na América Latina somos campeões em expulsar presidentes, porém ruins para colocá-los.

*Por outro lado, há uma identificação entre o senhor e o presidente Hugo Chávez. Há diferenças substanciais entre ambos, Chávez e Lula?*

*Evo Morales:* Eu não posso opinar. Tenho que, antes, conhecer a situação ideológica, programática, de liderança, de identidade. Eu respeito muito o Lula, porque, num programa como o Fome Zero, será preciso ver os resultados, e como um governo num país tão grande possa resolver a situação econômica. E Chávez, junto ao seu povo, rechaçou a intromissão estrangeira, e, como Fidel, nos ensina a viver com dignidade e com soberania. A Venezuela tem uma situação diferente do Brasil. Ali há o petróleo. No Brasil também, mas são dois países muito diferentes. É preciso viver nos dois países para entender perfeitamente a situação para depois opinar. Porém, tenho admirado Chávez, porque derrotou o Império com consciência, sem usar armas contra os inimigos, que são fundamentalmente os oligarcas.

*Como presidente, o senhor se aproximaria de Cuba e Venezuela?*

*Evo Morales:* Temos que nos desquitar de Cuba. Em Cuba, Fidel fez a revolução com armas, porém, a situação era totalmente diferente. Em Cuba, por exemplo, apesar do bloqueio econômico, se vive com dignidade, com soberania. É o único país que dá bolsas de estudos aos pobres da América Latina e do mundo. No Brasil, não se dá nada. Nos EUA, se dão bolsas para que aprendam a nos matar, para militares. Em Cuba se dão bolsas para a área da saúde, e isso não se vê em nenhum país. Na Europa há bolsas para mestrados. Estou impressionado com Cuba. Quem vai ser bacharel? Os pobres, poucas vezes conseguem. Os temas saúde e educação estão resolvidos em Cuba, apesar do bloqueio econômico. Há que se lutar contra o bloqueio econômico e contra o neoliberalismo. Há décadas é o que se fazia, junto ao povo mobilizado, por causa do Império. Fidel, em sua época, o derrotou com armas, porém ele mesmo me disse “Não folgo de tê-lo feito”, pois é uma coisa muito dura. Agora há que fazê-lo, porém não com armas, mas com a consciência e o poder do povo. Eu tenho sido chamado de narcotraficante, de tudo. Esta semana, disseram que sou incapaz. Sou incapaz de roubar, porém capaz para governar junto ao povo. Mas seguimos firmes, apesar das acusações, como de receber dinheiro de Fidel, de Chávez, de Lula, me acusaram até de receber dinheiro de Kadhafi. Quero esclarecer, e é público, que recebi cinquenta mil dólares como prêmio pela defesa dos direitos humanos.

*De qual organismo?*

*Evo Morales:* Do Estado Líbio, em 2002. Esse mesmo prêmio receberam Mandela, Fidel, e tantas outras personalidades. Ultimamente, quem o recebeu foi Hugo Chávez. É um prêmio reconhecido mundialmente. E me orgulho de tê-lo recebido quando esses nomes

também o receberam. Tenho sido tão acusado, no entanto tenho o poder das minhas bases, e por isso me mantenho. Cheguei à conclusão que quando o líder escolhe o povo, e o povo, igualmente, escolhe seu dirigente, essa é a reciprocidade que existe entre o dirigente e as bases.

*E como se daria essa aproximação entre Bolívia, Cuba e Venezuela?*

*Evo Morales:* São as lutas dos povos que vão nos unir. Há unidade de dirigentes, porém, há somente que tratar da unidade dos povos e começar as transformações e buscar os resultados dessas lutas.

*No Brasil, apesar de um governo composto por muitos ex-comunistas, alguns, inclusive, pegaram em armas para mudar o país, os movimentos sociais são reprimidos violentamente. Como o senhor, sendo presidente, lidaria com eles?*

*Evo Morales:* É importante buscar transformações estruturais nesses temas. No tema da terra, no Brasil, estamos falando também dos movimentos indígenas, não é isso?

*Sim, dos movimentos sociais em geral (indígenas, operários, estudantes, trabalhadores rurais). Pois, o Brasil, apesar de presidido por um ex-operário, originário dos movimentos sociais, esses mesmos movimentos são duramente reprimidos. Como o senhor lidaria com os movimentos sociais?*

*Evo Morales:* Ouvi nos meios de comunicação, sobre massacres, mortes, enfim, mas, como não conheço suficientemente, teria que constatar melhor para opinar.

*Mas, como presidente da Bolívia, como o senhor lidaria com os movimentos. Por exemplo, numa situação de pressão como esta por que passa o governo boliviano?*

*Evo Morales:* Estamos prestando toda nossa solidariedade. E há fóruns, como o Fórum Social Mundial, que é um encontro próprio para debater esses temas e expressar nossa solidariedade.

*Há alguma identificação entre a luta dos camponeses bolivianos com a dos camponeses brasileiros?*

*Evo Morales:* Somos aliados do MST. Não só os camponeses, mas também o Movimento ao Socialismo. Estamos sempre em contato, através dos convites que tive para viajar e conhecer o movimento Sem Terra do Brasil. Temos a mesma luta, sobretudo contra os proprietários de terra. Não se podem ter muitas terras em poucas mãos, para que muitas mãos não fiquem sem terra. Na Bolívia, por exemplo, o latifúndio é inconstitucional, porém ele existe através de interesses de poder e para o núcleo do poder. Temos que acabar com o minifúndio e com o latifúndio.

*O Brasil, pelo tamanho de seu território, população e economia, naturalmente tem influência nos rumos da América Latina. Como fazer para que o país contribua para a edificação de uma sociedade sem exploradores e explorados?*

*Evo Morales*: É a meta para os trabalhadores dos movimentos populares no conjunto da América Latina, especialmente do Brasil. É um processo que tem que avançar para ter sucesso, buscando transformações profundas, porém de forma pacífica, através do diálogo e sem governos que não se preocupem em atingir essas metas.

*Recebido em março/2005; aprovado em maio/2005*

### Notas

\* Entrevista concedida a Ramon Casas Vilarino, no gabinete do deputado Evo Morales Ayma, na Câmara dos Deputados, em La Paz, no dia 19 de janeiro de 2005. A tradução, a transcrição e as notas explicativas são do entrevistador.

\*\* Evo Morales, líder cocaleiro, é o principal nome da oposição boliviana. Eleito deputado pelo Departamento de Cochabamba, pelo MAS (Movimiento al Socialismo), ficou em segundo lugar na penúltima eleição presidencial, e, em dezembro de 2005, foi eleito presidente da República no primeiro turno.

\*\*\* Ramon Casas Vilarino é doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP e membro do Neils (Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais).

<sup>1</sup> Essa empresa, de origem francesa, explorava os serviços de água e esgotos na cidade de El Alto, vizinha à capital do país, no Departamento de La Paz. Uma paralisação na cidade, onde se situa o principal aeroporto da região, e barricadas nas ruas levaram o presidente Carlos Mesa a anunciar a revogação do contrato e a substituição da empresa francesa por uma estatal.

<sup>2</sup> Por ocasião da renúncia de Gonzalo Sánchez de Lozada, em outubro de 2003, os partidos políticos, incluindo o MAS, de Evo Morales, fizeram um pacto pela governabilidade, dando posse ao então vice-presidente, o historiador e empresário Carlos Mesa, sem partido. Em março de 2005, Mesa renunciou à Presidência, um ato calculado visando obter maior apoio no Congresso Nacional e junto à população. Sua estratégia, no entanto, deu-lhe pouco fôlego, uma vez que os movimentos sociais e os trabalhadores mais pobres continuaram pressionando, levando ao seu segundo pedido de renúncia, em junho, desta vez aceito pelo congresso. Até a posse de Evo Morales, o país foi presidido por Eduardo Rodríguez Veltzé, presidente da Suprema Corte.

<sup>3</sup> A principal empresa em território boliviano, responsável por quase 15% do PIB do país é a Petrobrás, instalada desde 1996.

<sup>4</sup> Senador pelo MAS, crítico declarado de Evo Morales e defensor do Presidente Carlos Mesa.

<sup>5</sup> Central Obrera Boliviana.

<sup>6</sup> O MAS completou recentemente dez anos. Tornou-se a segunda força política do país nas eleições gerais de 2002, polarizando a disputa com o MNR (Movimiento Nacionalista Revolucionário).

<sup>7</sup> Os *ayllus* são comunidades formadas por laços de parentesco que foram a base do Império Inca.

<sup>8</sup> Em 1952, a Bolívia teve um movimento revolucionário, liderado pelo MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário), um dos principais partidos políticos desde então, quando, entre outras medidas, foram nacionalizadas as minas de estanho e as jazidas de petróleo, e estendido o direito de voto aos índios.

<sup>9</sup> Evo Morales se refere ao sucesso na penúltima eleição, onde ele próprio ficou em segundo lugar para a Presidência da República, mas, também, ao fato de o Congresso Nacional, de onde ele fala, se situar ao lado do Palácio Presidencial, ambos na Plaza Murillo.

<sup>10</sup> Para se ter uma idéia, segundo o informe “Crescimento, competitividade e emprego” da OIT (Organização Internacional do Trabalho), a Bolívia tem 65% de desempregados entre a população economicamente ativa. Cf. *El Diario*, Bolívia, 25/1/2005, matéria de capa.